

Thaddeus

Sentávamo-nos na colina.
Víamos a chama dentro
dos balões aquecer o pano até
lhe dar cores de néon.
As crianças brincavam
às Previsões.

Apontavam para buracos vazios no céu e esperavam. Por vezes os balões iluminavam-se todos ao mesmo tempo e criavam o efeito nocturno de guarda-chuva sobre a aldeia, cujas casas se iam enchendo da tristeza de Fevereiro.

Noites como esta estão quase a acabar, murmurou Selah ao meu ouvido.

Os dias arrefeceram, as nuvens engrossaram. Sentámo-nos na colina. Vimos a chama dentro dos balões aquecer o pano até lhe dar cores de néon.

Noites como esta estão quase a acabar, disse Bianca. Veio a correr dos bosques, onde vira três crianças torcer a cabeça a mochos.

Noites como esta estão quase a acabar, disseram os carrascos, descendo a colina a trote.

Sentámo-nos ali pela última vez a ver os balões, com as cores de néon cosidas no pensamento.

Os porcos guincharam, e pela aldeia estilhaçaram-se as janelas. Um focinho, descomunal e rosado, ferrou o bojo de um balão na sua rota curva. O pano retesou-se em torno das ventas negras e parou mesmo a ponto de rasgar, e ali ficou.

Ainda assim as crianças fizeram uma fila com as lanternas levantadas para ver a primeira neve de Fevereiro cobrir as searas.

Selah baixou a cabeça. Selah cruzou os braços no colo. Selah olhou para a nuca das crianças e viu gelo dar-lhes nós nos cabelos.

Só nos resta rezar, murmurou Selah.

Olhei para Selah e lembrei-me dos dentes-de-leão que ela prendia entre os dentes. Pensei num sol escaldante, num icebergue a derreter dentro das suas mãos fechadas.

Deram as mãos. Formaram

dúzias de círculos em torno dos seus balões desinchados, fume-gantes. Os balões, globos de seda magenta, verde-prado e azul-céu, estavam espargidos de lama, molhados de água benta, enegrecidos nas costuras.

Bianca disse Não percebo.

Thaddeus disse Nem eu.

Será obra de Fevereiro, disse ela.

Talvez, disse Thaddeus e olhou para o céu.

Pregado a um carvalho estava um rolo de pergaminho, a decretar o fim de todas as coisas capazes de voar. A aldeia juntou-se em peso à sua volta a lê-lo. Nos bosques geram clarins. Os pássaros tombaram dos ramos. Os sacerdotes percorreram a aldeia brandindo machados. Bianca agarrou a perna de Thaddeus, ele pegou-lhe por baixo dos braços e disse-lhe que se enlaçasse ao seu pescoço como uma árvore bebé, e Thaddeus largou a correr.

Junto da casa onde moravam, achavam-se os balões espalhados pelo chão. Os cestos desfeitos à machadada. Os sacerdotes mergulharam as lanternas no pano dos balões.

Thaddeus, Selah e Bianca e outras pessoas da aldeia formaram um círculo dando as mãos.

Fevereiro, repetiram, até se tornar um cântico. Até todos imaginarem uma pequena árvore a germinar no centro de cada balão em chamas.

Os sacerdotes desceram a

colina até à aldeia, onde pararam junto da escola e da biblioteca. Confiscaram compêndios, arrancaram as páginas sobre pássaros, máquinas voadoras, zepelins, bruxas montadas em vassouras, balões, papagaios de papel, míticas criaturas aladas. Amachucaram os aviões de papel que as crianças haviam feito e atiraram as páginas para uma pira ardente escavada nos bosques.

Os sacerdotes afundaram as pás ferrugentas e lascadas no monte de terra e taparam a cova. Alguns sentiram lágrimas rolar-lhes pelas faces mas não sentiram tristeza. Outros forçaram o espírito a desfiar a memória do vento. Pregaram um segundo pergaminho a um segundo carvalho. Declarava que todas as coisas dotadas do poder de voar haviam sido destruídas. Mandava que ninguém que vivesse na aldeia tornasse jamais a falar em voo.

Assinado, Fevereiro.

Thaddeus, Bianca e Selah pintaram

balões por toda a parte onde puderam. Levantaram tábuas do soalho e pintaram filas de balões no carvalho poeirento. Bianca desenhou balões pequeninos na base das chávenas de chá. Por trás do espelho da casa de banho, por baixo da mesa da cozinha e por dentro dos armários apareceram balões. E Selah pintou uma trança intrincada de papagaios nas mãos e pulsos de Bianca, com as caudas de papel a treparem-lhe pelos braços e a contornarem-lhe os ombros.

Quanto tempo durará Fevereiro, perguntou Bianca, estendendo as mãos para a mãe, que lhe soprava para os braços.

Na verdade não faço ideia, disse Thaddeus, que via cair a neve pela janela da cozinha.

Ao longe a neve formava montanhas sobre montanhas.

Pronto, disse a mãe. Doravante terás de usar mangas compridas. Mas jamais esquecerás o voo. Podes usar belos vestidos — isso é que podes.

Bianca examinou os braços. Os papagaios eram amarelos com a cauda preta. A cor entranhou-se-lhe na pele. Soprou uma brisa sobre a tinta fresca e atravessou-lhe os cabelos.

Thaddeus

Escondi um papagaio na minha oficina onde os sacerdotes não o fossem achar. Tirei-o da sua caixa poeirenta, desdobrei-o e disse a Bianca que o podia lançar por uns momentos. Tentei ver se os sacerdotes estariam nos bosques mas apenas vi mochos em fuga por sobre a neve.

Disse para tentar outra vez quando o papagaio não conseguiu levantar voo. Uma mão arrojava-o para o chão. Bianca tentou ainda algumas vezes, e o papagaio despenhou-se. Vi uma nuvem em forma de mão. Pensei em Bianca e na sua alegria como tijolos na lama.

É Fevereiro, disse Bianca.

Eu disse Lamento que não tenha resultado. Podemos tentar de novo.

Tentar para quê, disse ela. Voar acabou. É Fevereiro.

Tentar, disse eu, só por tentar.

Nessa semana tentámos lançar o papagaio todas as noites. Mas o que na minha pele parecia uma lufada de vento não foi bastante para elevar o papagaio. Entrei na oficina, peguei nuns potes de vidro, e de novo cá fora entreguei-os a Bianca. Agarrei no papagaio e corri o mais que pude. Corri como um louco, de boca aberta numa triste tentativa de engolir o ar, ouvi Bianca rir ao longe, atento aos sacerdotes que nos bosques afixassem os machados, sonhei com Selah e Bianca de mãos dadas com Agosto, levei ao ombro o papagaio até que o larguei e o senti desabar nas minhas costas. Tomei de borco no chão, comi neve e lama, rasguei numa pedra o joelho.

Lá no alto da colina, Bianca girava pelo ar os potes de vidro. Tinham tremores os papagaios dos seus braços.

Toma, disse ela, dando-me os potes com os seus dedos cuidadosos raiados de papagaios. Já estão cheios. Talvez o Professor possa entender o que se passa com o céu. Talvez possamos entender Fevereiro.